



Hoje, nove anos depois de implantada, pode-se dizer que Ceilândia está sendo concluída pelos próprios moradores que aprenderam, nestes anos, a amá-la.

Ceilândia visita os EUA

A convite, a administradora Maria de Lourdes vai buscar mais experiência para a cidade-satélite

A convite da Embaixada americana, a administradora da Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia Bastos parte dia 20 deste mês para os Estados Unidos, onde, durante 30 dias cumprirá um extenso programa que inclui visitas a universidades, contatos, com grupos e experiências comunitárias. Basicamente, o programa de Maria de Lourdes envolve desenvolvimento comunitário, ação comunitária e educação comunitária.

O motivo da viagem, naturalmente, é o trabalho que a administradora vem realizando na Ceilândia já há duas administrações e que deixou impressionados técnicos norte-americanos especializados em assuntos comunitários. Em outubro do ano passado foi realizado em Belo Horizonte um congresso sobre ação comunitária, com a participação de técnicos norte-americanos de grupos que trabalham com pais e mestres, comunidade, grupos de negros, assuntos comunitários de um modo geral.

Ceilândia participou desse Congresso como convidada para apresentar sua experiência de desenvolvimento e do trabalho de ação comunitária que está sendo feito naquela cidade-satélite de Brasília.

Foi apresentado então, um trabalho de pré-escolar comunitário, representantes de quadras (lideranças comunitárias), mutirões etc. Depois do Congresso vieram alguns técnicos que ficaram três dias analisando trabalhos que estavam sendo feitos em Ceilândia. Foi aí que surgiu o primeiro convite para a administradora visitar os Estados Unidos.

O programa de Maria de Lourdes ainda não está totalmente confirmado, mas segundo ela, incluirá com certeza uma passagem por Flint, a meca de desenvolvimento de comunidade, no Estado de Michigan; também por Washington e Nova Iorque.

Com duas férias já vencidas, ela faz questão de frisar que a sua viagem aos Estados Unidos não será a passeio. Mais que nunca vai buscar lá alguma experiência que possa levar para Ceilândia, verdadeiramente o grande núcleo de atuação da administradora que conseguiu fazer daquela cidade-satélite uma comunidade ativa, participante e acima disso, fez com que o habitante amasse a cidade.

A prova maior está nos mutirões que a comunidade está desenvolvendo no sentido de dar à cidade um aspecto de cidade urbanizada. Ontem mesmo o mutirão estava procedendo a urbanização de uma praça na QNM 2/4. A própria comunidade vai se encarregar também da construção de um salão comunitário para batizados, festas de casamento, forrós etc. que ainda não têm.

Goiana de nascimento, Maria de Lourdes Abadia Bastos, casada com o psicólogo Anibal Sales Bastos, veio para Brasília, em 1960, residindo em até 1969 no barraco nº 170 da 3ª Avenida, no Núcleo Bandeirante. Candanga por opção, aqui se formou em 1972, na primeira turma de Serviço Social da Universidade de Brasília.

Nesse mesmo ano, época da remoção das favelas e fixação das invasões do Distrito Federal, começou a trabalhar como coordenadora do Serviço Social de Ceilândia até 1975, quando então foi convidada a assumir a Administração Regional.

O trabalho que desenvolveu de lá para cá, o envolvimento com aquele povo que ajudou a construir Brasília e que veio em busca de melhores condições de vida, certamente influíram muito no amor e na dedicação de Maria de Lourdes pela Ceilândia.

Um pouco de sua vivência naquela Cidade-Satélite é contado por ela, neste depoimento ao "Correio Braziliense":

- Se alguém já acertou alguma experiência, para mim é um princípio. O que é bom aqui em Ceilândia você pode aplicar na África, na Índia nos Estados Unidos, em qualquer local,



A participação da comunidade em mutirões, reunindo adultos e crianças foi uma idéia feliz de Maria de Lourdes

Em três horas nós mobilizamos toda a população de Ceilândia para a vacinação contra a paralisia infantil

em qualquer época. E como se fosse uma lei da Física. A mi... a ida aos Estados Unidos, portanto, não implica em que eu vá adotar os modelos que lá existem. O que me proponho realmente é saber como eles acertaram. Se eles estão num estágio mais adiantado do que nós é porque também já passaram por esta fase que estamos passando agora.

O trabalho nosso de Ceilândia, eu sempre digo, e da equipe que atua conosco: professores, assistentes sociais, médicos, delegados, diretores, é, de um modo geral, erro e acerto. A gente sofre, erra pra poder acertar, pra ter um caminho, porque em Universidade não aprendemos a trabalhar numa realidade como Ceilândia. Então a gente tem que criar alternativas de trabalho.

Mesmo assim, para Maria de Lourdes, alguns acertos podem ser gratificantes. Como por exemplo, experiências novas aplicadas ali, pela primeira vez no país:

- Tínhamos uma comunidade que veio da zona rural, pra uma cidade sofisticada como Brasília. Um pessoal que não sabe o que é INPS, Funrural, W-3, carteira profissional, carteira de identidade, posto de identificação, para eles tudo era surrealismo. Então nós percebemos que para conversar com a comunidade era a coisa mais difícil. Ninguém se entendia. Então o que fizemos? Para descobrir as lideranças de Ceilândia, nós fizemos duas perguntas: "Se você tivesse que viajar ou ficasse doente, pra quem você entregaria as chaves do seu barraco, dos moradores que você tem em seu conjunto?". Foi dado prazo de uma semana para que os moradores respondessem. Você sabe que eles começaram a conhecer o pessoal, a saber quem era quem, o que faziam etc? A outra pergunta: "Se você tivesse que viajar numa emergência com quem deixaria seus filhos?". Só com essas duas perguntas nós levantamos toda a liderança de Ceilândia, por grau de confiabilidade.

Eles elegeram não por ser líder, mas pela confiança, o que nós chamamos de representante de conjunto. Aí pegamos esse pessoal e trabalhamos

com ele. Então hoje nós fazemos esse trabalho com os representantes de conjunto em todos os sentidos. Por exemplo: Eles levantam suas principais necessidades e vêm à administração toda quinta-feira. E a gente programa com o Serviço Social também aquelas atividades que eles mais necessitam. Agora, mesmo, nos festejos de São João, precisa ver a beleza que ficou a cidade, porque eles pediam pra fechar a rua, encascalhar, pra eles fazerem o São João comunitário, do conjunto. Então cada família fazia um prato, um tipo de bebida, quadrilhas, casamentos na roça...

Um outro exemplo de Ceilândia que os técnicos norte-americanos achariam interessante. Saúde tinha o maior problema aqui. Por quê? A comunidade acredita em benzeção, em oração, nozinho no cordão para curar sarampo, dente de jacaré pra não dar diarreia quando nasce dente etc. Então o pessoal fazia campanha de vacinação, vacinava-se a criança, ela tinha febre, eles nunca mais passavam num posto para vacinar novamente. Mas não sabiam porque dava febre. O que nós fizemos. Através dos representantes de quadra, fizemos um levantamento sobre medicina popular. O que você acredita. O que é bom pra sarampo? Chá de sabugueiro com mel de abelha e três gotas de limão. O que é bom pra nascer dentes? É um dente de jacaré. O que evita sarampo? É a oração Estrela Dalva, rezada dando nó no cordão, depois passa-se no acafrão e coloca-se na garganta. Serve pra sarampo, krupi, cachumba e muitas outras doenças.

Relacionamos tudo isso e fizemos reuniões com os representantes dizendo a eles que isso era a melhor coisa que existia pra combater a doença. Ao mesmo tempo, aliado a isso, uma vacinação e a pessoa nunca mais adoecia. Hoje em Ceilândia nós mobilizamos, em três horas, 90 por cento da população nessa campanha contra a paralisia infantil. Hoje, 90 por cento da população são vacinadas, agora, sem cortar os valores que eles têm. Mas nas escolas já ensinamos diferente e já orientamos pra

O que é bom aqui em Ceilândia você pode aplicar na África, nos Estados Unidos, na Índia, em qualquer local

Com apenas duas perguntas nós levantamos toda a liderança de Ceilândia. Por grau de confiabilidade

nenhuma criança rir do pai que reza, que faz simpatia porque isso é válido pra eles.

Outro exemplo de como a comunidade já está conscientizada para os seus valores: Se estoura um cano d'água na rua, em vez de ficarem desperdiçando água, imediatamente eles vêm aqui, avisam para a administração e nós entramos em contato com a Caesb.

Fizemos uma vez uma pesquisa com as crianças da Ceilândia perguntando se elas gostavam da cidade. Disseram que não, que era uma cidade muito feia, porque Ceilândia não tem árvore, não tem corrimão pra brincar, não tem lugar pra andar de bicicleta, não tem um campinho de futebol, coisas assim. Daí é que se criou um programa de habitação ambiental, com um currículo todo voltado para a ecologia e para a melhoria do meio ambiente.

Como a gente consegue mobilizar a população para que ela faça melhorias na cidade, que é vista por muitos dos que não são da Ceilândia como uma exploração? Através dos mutirões. O resultado de tudo isso é que antes que a gente termine uma praça, já temos quatro ou cinco grupos de representantes de outra quadra pedindo que depois que termine vá para o conjunto deles. São crianças, adultos, mulheres, todo mundo participando aos sábados e domingos desse trabalho.

Essa idéia do mutirão partiu de uma verba de Cr\$ 23 milhões, concedida pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Urbano - FNDU, que foi um convênio com a Fundação Educacional dentro do Programa de Melhoria das Condições Ambientais. Então o que aconteceu? A Administração é que coordena a nível local a operacionalização do projeto. Licitemos todo o material. O dinheiro, Cr\$ 23 milhões, daria para se urbanizar duas quadras apenas. Nós temos 68. Sabe quantas nós vamos fazer por mutirão? De oito a doze.

Provavelmente um dos trabalhos mais louváveis da Administração Maria de Lourdes foi feito na QNN.

Esse conjunto residencial é resultado da erradicação das grandes invasões do Morro do Urubu, Placa das Mercês e outras. Para as autoridades policiais, a QNN é um verdadeiro esconderijo da alta marginalidade da Ceilândia. Quadra onde, à noite, policial nenhum pôe os pés, conforme observou a administradora.

Pois ali na QNN cerca de 10 mil crianças estavam até há pouco tempo sem assistência educacional. Hoje pode-se dizer que é um dos centros educacionais mais bem conservados da Ceilândia e os habitantes de lá se orgulham disso.

A história da construção de um grupo escolar na QNN é contada por Maria de Lourdes com muito orgulho. Havia necessidade de se construir um centro educacional na QNN. Só que as próprias autoridades consideravam um desperdício investir dinheiro num lugar considerado de alta periculosidade. Houve mesmo quem dissesse à Administradora que seria dinheiro perdido.

Apesar disso, ela não se intimidou e resolveu aceitar o desafio.

Logo quando assumira a Administração, Maria de Lourdes havia convidado para o trabalho de Assistente Social uma colega de muitos anos de faculdade, Ana Maria Mota. Foi ela quem iniciou os primeiros contatos com o pessoal da QNN.

Foi difícil, lembra Maria de Lourdes. Primeiro porque, de início, o pessoal aceitou a idéia de um centro educacional mas eu teria que falar com eles e não podia nunca ir acompanhada de seguranças.

Através de seu contato, Ana Maria Mota, Maria de Lourdes marcou um encontro com um grupo, dentre essas pessoas, marginais conhecidos no mundo do crime de Brasília. Ela foi então, com a assistente social, a um barraco de um senhor que tinha um armazém na QNN. Lá estavam 17 pessoas entre homens e mulheres.

E Maria de Lourdes fez a proposta: Tenho nove milhões de cruzeiros para construir a escola para seus filhos, mas em troca quero a certeza de que essa escola será resguardada. Todos concordaram e ainda disseram que sem escolas os filhos fatalmente seriam marginais também como eles.

Outras reuniões foram mantidas com os moradores da QNN e cada vez mais era aumentada a confiança que haviam adquirido nela. A escola foi feita. É verdade, conta Maria de Lourdes, já houve até tiroteio entre bandidos na porta da escola, deixando apavorados os professores e diretores da escola, que então não tinham mais condições de lecionar ali. Até hoje, diz ela, se pode ver as marcas das balas que ficaram gravadas nos portões da escola.

Mas isso não constituiu desânimo. E um outro diretor que tinha então alguns anos de experiência na Ceilândia, pois era professor ali desde o início, foi requisitado. Hoje, a escola é um modelo dentro da Ceilândia e, incrível, não se vê uma planta destruída, um vidro quebrado, o que demonstra, segundo a administradora, o valor que passaram a dar àquele patrimônio que é deles afinal.

Mais do que isso, e Maria de Lourdes não gosta de tocar no assunto, por considerá-lo muito delicado. Mas é verdade que o seu trabalho comunitário na QNN não parou por aí. Hoje é sabido que os mesmos marginais com quem ela manteve os primeiros contatos, que apoiaram a idéia da construção do centro educacional para os seus filhos, são os principais guardiões daquele patrimônio.

Os que vivem fora da realidade de Ceilândia, jamais poderão entender por exemplo, a iniciativa de um pai que construiu em sua casa um quarto separado do conjunto para o filho solteiro, fugindo inclusive, à planta original. Mas a sua resposta diz tudo: "Eu prefiro que meu filho traga para o seu quatinho os amigos e as companheiras, que faça aí suas festinhas do que ficar por aí bebendo nos botecos ou andando com maus companheiros. Aqui pelo menos eu sei que ele está vivo".